

Passeio Público

Terraços



POR **José A. Rio Fernandes**

Geógrafo/Prof. da Universidade do Porto

O Douro é um rio especial. Tem a maior bacia hidrográfica da Península Ibérica e três sítios Património da Humanidade junto às suas águas: Foz Côa, Alto Douro Vinhateiro e Centro Histórico do Porto. É o único rio que eu conheço que junto à foz corre encaixado, o que permite pontes e cenários espantosos. Fazer cidade obrigou a escadas e ruas inclinadas, a que se acrescentou elevador, na Lada (1994), funicular, nos Guindais (1891 e 2004) e, há dias, escadas rolantes (em Miragaia). Para ocidente, salvo na Arábida, o relevo fica mais suave; para nascente, em contrapartida, da Rua dos Mercadores ao Freixo, não há um único acesso com a parte alta onde passe automóvel, muito menos autocarro. O que se destaca, do lado do Porto, são terraços, onde, como que copiando o Alto Douro, se instalaram a “estrada marginal” (Avenida Paiva Couceiro) e as linhas ferroviárias que unem Campanhã a São Bento e à Alfândega.

É bom saber que a ligação à Alfândega será reutilizada, após décadas ao abandono. Ciclovía, ferrovia? A Câmara do Porto abriu o debate. Considero demasiado importante a possibilidade de ligar o terminal intermodal de Campanhã (em construção) ao Centro Histórico para não ser aproveitado para o transporte coletivo. Ciclovias? Muitas! Aqui? Não. Senão provisoriamente e apenas se for compatível com as obras necessárias à introdução de transporte ferroviário elétrico. Entretanto, para circulação a pé e de bicicleta, lembro a importância que poderia ter a melhoria das condições de segurança e conforto do terraço junto ao rio (Avenida de Paiva Couceiro), estabelecendo ligação a Gondomar sempre pela margem e também para Norte com o Parque Oriental, ou no topo da vertente, entre as Fontainhas e a Formiga, pelo Monte do Seminário.